

O DISCURSO DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS A INFLUÊNCIA DOS AGENTES SOCIAIS NO AQUECIMENTO GLOBAL

THE DISCOURSE OF CLIMATE CHANGE THE INFLUENCE OF SOCIAL AGENTS IN GLOBAL WARMING

**Paulo Cezar Zangalli Junior¹
João Lima Sant'Anna Neto²**

Resumo: A ciência diverge sobre até que ponto as emissões de CO₂ na atmosfera são capazes de alterar o padrão climático da terra. Teria o homem um poder de modificar o clima de maneira tão drástica, ou este seria apenas mais um ciclo natural da terra? O presente trabalho tem como objetivo analisar através de dados dos jornais “Folha de S. Paulo” e “O Estado de S. Paulo”, e também das revistas semanais “VEJA” e “ÉPOCA” a forma do tratamento midiático em relação aos discursos produzidos acerca do Aquecimento Global. Foram analisadas revistas e jornais no período de janeiro de 2000 a julho de 2008. Consideração que a mídia deve cumprir o papel de mediador científico transmitindo, de maneira acessível a seus leitores o debate científico acerca do problema, pode-se concluir que há certo distanciamento entre a mídia e a ciência, muitas vezes devido à necessidade de antecipar os fatos, outras devido aos atores e interesses envolvidos. Com isso o debate científico ficou limitado apenas a um lado da questão e o Aquecimento Global foi abordado como uma verdade absoluta, sempre sensacionalizando os impactos devastadores para a humanidade.

Palavras Chave: Aquecimento Global, Mídia, Agentes Sociais, Mudanças Climáticas.

Abstract: The science differ on how much CO₂ emissions in the atmosphere are altering the climate pattern of the earth. Man would have the power to change the climate horribly so, or this was just another natural cycle of the earth? The present work has aimed to analyze data through the newspaper "Folha de S. Paulo" and "O Estado de S. Paulo", and also the weekly magazines "VEJA" and "ÉPOCA" form of treatment media in relation to science when it comes to Global Warming. We analyzed magazines and newspapers in that period are from January 2000 to July 2008. Considering that the media must fulfill its role of mediator and transmit scientific manner accessible to its readers the scientific debate about the problem can conclude that there is a certain gap between science and the media, often because of the need to anticipate events, due to other actors and interests involved. With this scientific debate was limited to just one side of the issue and Global

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP de Presidente Prudente, bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Endereço eletrônico: junimzangalli@hotmail.com.

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP de Presidente Prudente. Endereço eletrônico: joaolima@fct.unesp.br.

Warming was treated as an absolute truth, always seeking to show that the impacts would be devastating to humanity if nothing is done, if nothing changes.

Keywords: Global Warming, Media, Social Agents, Climate Changes

Introdução

A terra passa, inquestionavelmente, pelo período mais quente da história desde que as primeiras medições foram realizadas em meados do século XIX. A década de 1990 foi registrada como a mais quente de todos os tempos; o ano de 1998 registrou as maiores temperaturas. Os 11 anos (1995-2004 com exceção de 1996) estão entre os mais quentes desde o período industrial. Perante estas evidências pode-se facilmente relacionar este aumento gradativo da temperatura ao aumento da concentração de dióxido de carbono. Porém a ciência diverge e podemos verificar dois discursos científicos que se fundamentam e embasam o debate sobre as mudanças climáticas globais. De um lado estão aqueles defensores de que a queima de combustíveis fósseis e o aumento da concentração de gases do efeito estufa como o dióxido de carbono (CO₂), fruto de uma sociedade urbano-industrial, aumentaria as médias de temperatura global e causariam uma histeria climática capaz de assolar o planeta. De outro lado há ainda cientistas que embasam suas pesquisas nas características naturais do clima, e coloca o sistema terra-oceano-atmosfera como um fenômeno complexo e muito maior que qualquer influência humana.

Ainda junto à ciência identificamos os discursos políticos e econômicos que se fundamentam na ciência buscando soluções ambientais e econômicas que minimizem os impactos de um aquecimento exacerbado, e também discursos que desmistificam o mito de um apocalipse antecipado.

Paralelo a isso, caminha o olhar jornalístico da mídia, que faz com que o debate científico extrapole os limites acadêmicos e chegue até a sociedade, formando opiniões e até mesmo banalizando os conceitos na tentativa de criar um senso comum entorno do Aquecimento Global e suas conseqüências apocalípticas para a humanidade. A mídia deve cumprir o papel de mediador científico e levar até a sociedade o que está sendo questionado na ciência e não criar uma verdade absoluta como se a ciência a aceitasse irrevogavelmente. O professor Mike Hulme professor de Ciências Ambientais da universidade East Anglia na Inglaterra e diretor do Centro Tyndall para Pesquisas em Mudanças Climáticas afirma que o discurso catastrófico se distancia da ciência e há, notavelmente, uma banalização dos meios científicos pela mídia.

É necessário questionar se os atores envolvidos na busca por mudanças de padrões de emissões e na transmissão dos debates sejam eles políticos, econômicos, científicos não são os mesmos atores que estão envolvidos em uma possível causa do aquecimento verificado. Falam-se muito em mudanças de padrões econômicos, mudanças de padrões de emissão, mudança de hábitos de consumo, porém, na prática quando medidas poderiam ser tomadas, nada é feito e os discursos se perdem em meio a um emaranhado de desencontros.

É dentro do debate científico e da forma do tratamento midiático para as questões das mudanças climáticas que se norteia o papel importante dos agentes

sociais no aquecimento global, principalmente o papel da mídia e do seu caráter de mediador científico. Surge, então, a necessidade de se entender melhor o que está acontecendo para não se perder em meio à complexidade do tema e da quantidade de informações que nos são transmitidas.

Entendendo o problema

A terra apresenta um fluxo constante de energia entre sua superfície, o Sol e o espaço, definindo o sistema climático, o chamado efeito estufa, fenômeno essencial à manutenção da vida na terra, uma vez que este regula as temperaturas e faz com que o clima se torne ameno e agradável aos seres que aqui habitam.

O clima é controlado pelo equilíbrio entre a energia que a terra recebe do sol e a quantidade de energia que é devolvida ao espaço. As mudanças do clima são resultados de qualquer processo que altere este equilíbrio global. Os principais componentes deste complexo sistema incluem a atmosfera, os oceanos, a litosfera e a biosfera do planeta, que interagem no processo de liberação e absorção de energia e de carbono, matéria prima da vida (ICLEI, 2005).

O que, possivelmente, esteja acontecendo é que as atividades humanas, como a produção e o consumo de energia principalmente com a queima de combustíveis fósseis, estejam causando um desequilíbrio deste sistema aumentando assim a temperatura média global. Desde a revolução industrial a concentração de gases do efeito estufa (GEE) tem aumentado significativamente.

Segundo o IPCC (Intergovernmental Panel on Climate Changes) (2007), esse aumento da concentração de CO₂ de 280 ppm para 360 ppm desde a revolução industrial estaria aumentando as médias de temperatura global; porém, alguns cientistas ainda questionam isso e indagam se estas concentrações de CO₂ não estariam aumentando como consequência do aumento das temperaturas médias globais.

Ainda segundo o IPCC, as alterações nos padrões climáticos dificilmente são devidas apenas à variabilidade natural do planeta, visto que os modelos acoplados usados por este grupo não indica, quando somente utilizados fatores naturais, o aquecimento verificado.

O IPCC utiliza de modelos matemáticos que simulam vários cenários. Dentre eles simulam cenários com aumento de dióxido de carbono, cenários considerando apenas a variabilidade climática da terra, dentre outros. O que este grupo de cientistas constatou é que, quando simulados nos modelos, um aumento nos padrões de concentração dos gases estufa, principalmente o dióxido de carbono (CO₂), as temperaturas obtidas chegam próximas às observadas; porém, quando se leva apenas a variabilidade climática, os resultados não alcançam o esperado. Esta diferença de modelos do IPCC é chamada de forçamento radioativo.

Na escala local a ação humana tem grande potencial modificador da paisagem natural. O clima urbano é um dos pontos fortes disso, onde a principal mudança é nos padrões de temperatura e concentração de poluentes. Mas pouco se sabe se, em níveis, globais o homem teria capacidade de interferir na variabilidade natural do planeta.

O aquecimento de 0,6°C na média global, então, pode ser oriundo de diversos fatores e não como afirma os cientistas do IPCC, um aquecimento causado pela ação humana. Para os Céticos, como são chamados os cientistas, contrários

às idéias dos IPCC, as mudanças no clima global seguem ciclos, que nada mais é que um período natural da terra, ou seja, o clima está em sua normalidade. Além disso, vale ressaltar que o considerado como um clima normal para a humanidade é *“as condições mais quentes interglaciais do Holoceno que tem persistido por cerca de 10.000 anos. Mas, para o planeta, a regra geral são as condições glaciais que predominaram durante a maior parte do Quaternário (último milhão e meio de anos), quando as médias oscilaram entre 8°C e 14°C”* (Bradley apud Sant’Anna Neto, 2008).

A variabilidade climática para estes cientistas tem muito maior influência na dinâmica do clima de que as próprias emissões. Os ciclos solares, por exemplo, são de grande influência no clima global e para muitos cientistas constituem o principal fator que comprova o aquecimento verificado, como tantas outras anomalias nos padrões climáticos.

Um fator que cabe ser lembrado é a quantidade de estações meteorológicas desativadas ao longo do tempo. Segundo Baptista (2009) uma grande quantidade de estações foi desativada, sendo que a maioria delas estava em áreas rurais onde o clima é mais ameno. Algumas dessas estações foram incorporadas pela malha urbana e, hoje, encontram-se em locais impróprios. Tudo isso gera uma série histórica de temperatura que não pode ser considerada.

De fato o debate é extremamente válido, mas até que ponto criminalizar o clima pelos problemas ambientais do planeta está correto? Seria este mais um debate político/econômico do que científico?

Material e métodos

O trabalho consiste basicamente em analisar os discursos e quais são e até que ponto os agentes sociais influenciam no Aquecimento Global. Para isso foi feito um intenso levantamento bibliográfico sobre a temática, envolvendo textos científicos, políticos, e o mais fundamental para a pesquisa, um levantamento de dados em jornais diários de circulação bem intensa.

Numa primeira etapa, foi elaborada uma planilha para tabular e arquivar os dados dos jornais. A planilha foi desenvolvida para privilegiar a análise dos dados obtidos e **compreende-se** de algumas partes como pode ser visto na tabela 1.

Na **Parte 1** pode-se verificar qual o jornal pesquisado, a data do jornal, a manchete, se a notícia possui uma chamada de capa ou não, o caderno e a página em que se encontra a notícia. Nesta parte da planilha, com estes dados, torna-se fácil a posterior pesquisa, para leitura dessas matérias, além de contribuir para a análise no contexto geral da informação.

Na **Parte 2** configura-se um resumo da notícia encontrada. Esta parte toma-se como a parte mais importante da planilha, uma vez que ao se fazer um breve resumo da notícia, faz-se referência ao contexto, à agenda, ao desenvolvimento da pauta e a tabulação, para que posteriormente a análise dos jornais torne-se mais confiável.

Pra encerrar, a **Parte 3** apresenta informações sobre o corpo da notícia, se esta possui imagens, ilustrações gráficas ou fotografias, se há ou não um destaque da manchete e, por fim, as fontes de informação, ponto crucial na consolidação da notícia, e na aceitação dos leitores.

Tabela 1. Planilha para informações sobre as notícias do jornal.

Planilha para informações sobre as notícias do jornal			
Jornal:			
Data:			
Manchete:			
Matéria de Capa	Sim	Não	
Caderno e Pagina:		Caderno	Pagina
Características da Notícia:		Forma da Manchete	
		Foto	
		Destaque da Manchete	
		Parte superior	
		Parte inferior	
		Existência de foto	
		Fonte da Informação	

Com a planilha em mãos foram levantados dados diários de dois jornais de grande circulação, “O ESTADO DE S. PAULO” e “FOLHA DE S. PAULO”. Estes jornais foram escolhidos pela importância e abrangência que possuem sobre os leitores. Como a abordagem da temática tem ganhado maior destaque na mídia, a partir dos anos 2000, foi também proposto o período de janeiro do mesmo ano a Julho de 2008 para se pesquisar.

Partindo da bibliografia, torna-se possível uma discussão em torno primeiramente da abordagem jornalística e em seguida um debate num âmbito mais científico a respeito também destas matérias publicadas, procurando confrontar discursos, identificar os atores e os interesses envolvidos por detrás dos discursos encontrados.

Foi realizada também a mesma abordagem no levantamento dos dados de duas revistas semanais, de âmbito nacional e com uma grande influência sobre os seus leitores: “VEJA” e “ÉPOCA”. Foi proposta esta diversificação entre jornais e revistas, tendo em vista que, muitas vezes os leitores de revistas não são os mesmos que acompanham diariamente os jornais, e também por terem as revistas capacidade de contextualização muito maior, visto que o tamanho da matéria influencia na forma de divulgação e na veracidade dos fatos.

O fichamento dos dados foi feito desta vez por uma nova planilha, desta vez um pouco mais simplificada como mostra o exemplo a seguir.

Tabela 2. Tabela para fichamento de revistas.

Tabela para Fichamento de Revistas.			
Revista:	VEJA		
Data:	5 de novembro	Edição:	2085 – ano 41 – nº44
Capa:	Remédios: o que há de errado com eles		
Titulo da Matéria:	A terra não agüenta		
Pagina:	96-99		
Comentários:	A exploração dos recursos naturais associado ao aquecimento global é uma lastima ao qual o planeta não vai suportar. A matéria diz que hoje o padrão de consumo é de aproximadamente 2,7 hectares por pessoa, mas que o ideal seria de 2,1. Revela ainda que enquanto um chinês consome 2,1 hectares/ano, um americano consome 9,4.		

Como a tabulação dos dados dos jornais e revistas facilita o debate seja em âmbito jornalístico ou político – científico ressaltando os agentes sociais envolvidos, a mídia procurou abordar a temática, tomando-se possíveis posicionamentos e possíveis conclusões.

Resultados e discussões

A imprensa tem um papel importante na formação e informação sobre os acontecimentos da vida cotidiana. O debate sobre as idéias e os princípios, sejam eles de natureza científica, ou não, transcende a realidade objetiva, na medida em que a imprensa tem a possibilidade de escolher os seus interlocutores e suas fontes.

Além do papel e do interesse de ir ao encontro da informação e da verdade, as empresas têm o viés econômico na venda de seus produtos e na formação de opinião de acordo com os seus interesses.

Um ponto importante que deve ser lembrado de início é que as matérias apresentadas muitas vezes vêm carregadas de opiniões e conhecimento de quem escreve e isso influencia e muito o leitor. A escolha dos atores sociais é determinada pelas fontes que mais se aproximam das opiniões da redação e direção da mídia.

Cabe ressaltar ainda que o papel da imprensa envolve concepções distintas, pois de uma lado, pode-se dizer, que a imprensa tem um papel missionário, que os processos envolvidos na construção de uma notícia não carregam os interesses pessoais e que opta-se pela verdade a todo custo. Nesta ótica a notícia seria nada mais nada menos que um “espelho da realidade” minimizando o poder manipulador da imprensa. De outra forma pode-se afirmar ainda que a imprensa tenha sim o poder manipulador, uma vez que ao transmitir uma notícia pode manipular a verdade e fazer prevalecer à opinião de uma classe, ou de quem tem interesses por detrás daquela notícia.

Para mostrar o poder formador de opinião que a imprensa possui e que muitas vezes cria opiniões onde o que prevalece é o interesse de políticos ou até mesmo de grandes empresas, partiremos para aqueles que financiam a imprensa

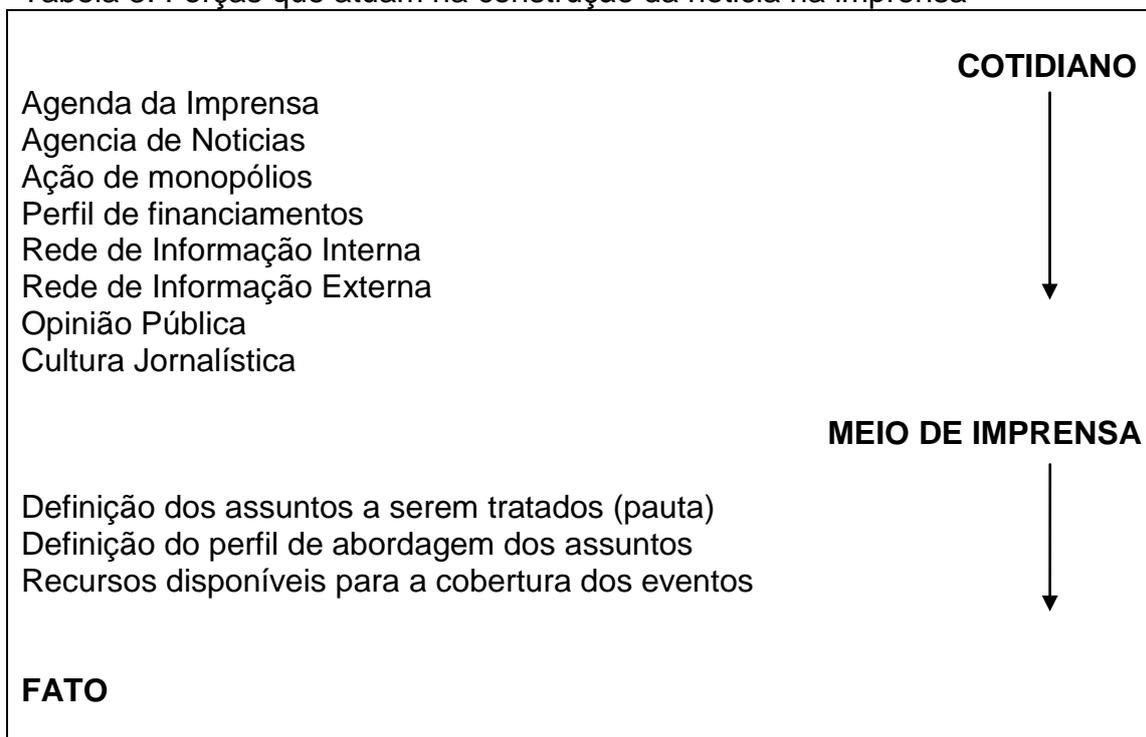
brasileira atualmente. A falta de recursos torna os meios da imprensa vulneráveis aos reclamos do governo e da iniciativa privada.

As concessões para exploração de serviços de rádio e televisão no Brasil, por exemplo, seguiram uma linha muito política, onde parlamentares ou apadrinhados recebiam concessões, atendendo às preferências do governo (ZANCHETTA JR. 2004).

Os modos de financiamento da imprensa ainda têm outros complicadores; devido à falta de recursos, a imprensa passa a ter grandes “parceiros”, como governos, grandes grupos empresariais, e empresas multinacionais. Estes investem grandes quantias em dinheiro para fazer valer seus produtos e, mais além, consolidar um modelo econômico cultural.

Além de quem financia, a imprensa é constituída por vários outros fatores que são apresentados na tabela 3 de Zanchetta Junior. As forças atuantes na imprensa é que fazem com que a matéria publicada seja de uma forma ou de outra. Se quem está financiando minha reportagem sobre o aquecimento global for uma empresa de energia elétrica, por exemplo, certamente será contemplada a energia limpa como forma de combater as emissões dos GEE na atmosfera. A energia elétrica seria tratada como a forma de energia mais limpa e barata existente, o que tornaria de certa forma mais fácil a venda do produto. Claro que este exemplo é um mero exercício de reflexão, mas é mais ou menos por esse viés que segue a lógica jornalística.

Tabela 3. Forças que atuam na construção da notícia na imprensa



Fonte: ZANCHETTA JR. J. Imprensa escrita e telejornal. Editora Unesp, São Paulo, 2004.

Junto a esses fatores surgem alguns elementos fundamentais quando se quer analisar as matérias lidas. A primeira coisa que deve ser avaliada é o papel da

agenda na imprensa e para isso é preciso considerar a quantidade de textos que veiculam num determinado período. A agenda nada mais seria que os assuntos com maior audiência. Assim veiculam-se, de preferência, assuntos capazes de atrair o leitor (ANDI, 2007).

O contexto da informação é outro ponto importante. Construir uma notícia num contexto “ideal”, passível do maior entendimento possível não é tarefa fácil. Aqui, deve-se verificar não somente o texto escrito, mas o espaço dado a este para o seu desenvolvimento e sua contextualização. Quando se dá um espaço menor ao tema, tem-se uma menor contextualização. Isso ocorre quando a temática ainda não está totalmente consolidada na cobertura.

Primeira etapa

O jornal para ganhar credibilidade e poder transmitir a verdade do assunto que está abordando, segue algum padrão que faz com que esta verdade ganhe força e seja aceita por aqueles que o leem. Algum dos procedimentos que a imprensa utiliza é resumido da seguinte maneira, segundo ZANCHETTA JR. (2004).

- a) Utilização de estratégias de comunicação que conferem objetividade às informações;
- b) abrangência, atualidade, dinamismo e atenção diante de um universo amplo de questões sociais;
- c) simultaneidade (é preciso sugerir que o jornal disponha das informações possíveis acerca dos fatos);
- d) imparcialidade (há necessidade de aparentar distanciamento, observando e dando espaço aos diversos agentes ou ângulos que interferem em determinado fato);
- e) concretude (a seleção de elementos para compor as notícias mostra-se desapaixonada e ancora-se em dados e aspetos visíveis, concretos. De algum modo observáveis);
- f) apuro na linguagem (mantém-se a idéia clássica de que a expressão em linguagem culta é prova de correção da própria mensagem).

Portanto esta etapa consiste na análise dos dados obtidos nos jornais “O Estado de S. Paulo” e “Folha de S. Paulo”, para o período de janeiro de 2000 a julho de 2008. Porém, há, devido uma indisponibilidade dos folhetins no acervo da biblioteca, algumas lacunas neste período, o que não compromete a pesquisa devido à proposta de uma análise qualitativa destes dados e não meramente quantitativa. A Tabela 4 mostra o período efetivamente pesquisado para os dois jornais.

Tabela 4. Período Efetivamente Analisado nos Jornais

Período Efetivamente Analisado nos Jornais									
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Folha S. Paulo	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Estadão			X	X	X*			X	X
*Janeiro à Abril									

Um fato importante que deve ser exaltado de imediato quando se trata dos jornais é que a mídia toma a parte como um todo e noticiam o aquecimento global como sendo as mudanças climáticas propriamente ditas e não o faz de maneira conceitual. Da mesma forma, como o efeito estufa, quando citado vem de maneira errônea pois, é tratado como o responsável por um aquecimento exacerbado e não como um fenômeno fundamental na manutenção do clima.

As notícias encontradas nos folhetins geralmente veem acompanhadas de alguns eventos específicos e relacionados com o aquecimento global. Geralmente a maior quantidade de notícias se resume em certo período do ano onde as conferências ambientais que objetivam reduzir as emissões de CO₂ estão acontecendo; outras vezes informam o leitor sobre artigos científicos publicados em revistas científicas de respaldo como a Nature ou a Science.

A Conferência das Partes Sobre Alterações Climáticas acontece a cada ano e em 2000 aconteceu em Haia na Holanda nos dias 13 a 24 de novembro. Este período foi o que concentrou a maior quantidade de notícias assim como, num período anterior e posterior a esses dias. No ano de 2001, logo no início do ano, o IPCC lançou seu relatório e a quantidade de notícias se concentrou nos meses de fevereiro e março. Ainda em Boon na Alemanha e Marrakech no Marrocos aconteceu a continuação da COP-6 e a COP-7 respectivamente. Em 2002 a COP-8 que aconteceu em Nova Deli – Índia é retomada as discussões de metas de reduções e as notícias se concentram nos meses de outubro, novembro. Em 2003 a COP-9 é em Milão na Itália, a COP-10 aconteceu em Buenos Aires na Argentina no ano de 2004, e assim subsequente foram acontecendo novas reuniões que não deixam que a mídia esquecesse o aquecimento global e endossassem os dados sobre os esforços da comunidade internacional em tentar frear as emissões.

Mas mesmo diante de tanta pressão da mídia e diante de tantas conferências climáticas, o que vimos no final é que nada foi feito para mudar os padrões de emissões e os padrões energéticos mundiais. Seria um desencontro científico ou os atores sociais envolvidos na discussão política do aquecimento global estariam negligenciando as necessidades?

A mídia tem o dever de apresentar numa linguagem acessível aos leitores os conceitos, os debates científicos, as divergências fundamentais. Deveriam ser pautadas também o efeito estufa como o fenômeno natural que mantém o clima da terra propício ao desenvolvimento da vida. Seria fundamentada também a visão científica de cientistas que são contrários à visão apocalíptica defendida pelo IPCC,. No entanto, não se percebe essa necessidade priorizada na imprensa. Nota-se um distanciamento da imprensa com a ciência.

Contudo a distancia crucial que a mídia mantém da ciência provoca a impossibilidade de que conceitos e debates científicos cheguem também ao olhar do leitor.

“... na ciência a busca é histórica, seqüencial e temporalizada, engrenada pela sistemática, pela verificação e validação dos dados no plano geral da sua atividade, além de trabalhar com desenvolvimento de médio e longo prazo .(...) já na mídia, prioriza-se a instantaneidade, a ousadia de dizer antes, se possível antecipando-se aos fatos.” (Sapper e Heberlé, 2005, p.1-2 *apud* HEINZ, FONTANA, FERNANDES, SILVA, 2008)”

Esta instantaneidade pode ser importante na antecipação de notícias do cotidiano, que aguçam a curiosidade e apenas informa sobre fatos ocorridos; porém quando se trata de um assunto de cunho científico, esta antecipação pode ser de certa forma prejudicial, uma vez que o debate científico não permeia pelo instante, mas sim na construção de uma verdade com a aceitação de todos.

Os questionamentos científicos que os céticos fazem a estes cavaleiros do apocalipse que defendem a todo custo uma catástrofe mundial, pouco são mostrados e, quando são de forma minimizada, mostrando que estes são a grande minoria, e que suas hipóteses são infundadas e passíveis de questionamentos.

O jornal Folha de São Paulo traz manchetes como “Cético admite aquecimento, mas nega que seja problema,” “Resfriamento Global é mito, diz estudo.” Matérias como estas contradizem questionamentos feitos pelos cientistas contrários aos alarmes apocalípticos soados pelo IPCC e reafirmam inegavelmente a influência da ação antrópica no aquecimento global.

A conclusão a que somos levados a tomar é que quando se fala em jornais a instantaneidade e a circulação jornalística são primordialmente consideradas. O debate científico fica apenas restrito à ciência, talvez pela pouca possibilidade de um contexto amplo. O simples fato de que uma aceitação global do apocalipse seja tão grandiosa podem aguçar os ânimos e exaltar a imprensa.

Segunda etapa

Na segunda etapa o foco passa a ser das revistas semanais “VEJA” e “ÉPOCA”, também para o mesmo período proposto na análise dos jornais diários. A tabulação dos dados também sugeriu algumas lacunas na pesquisa, mas que também não comprometeriam a análise dos textos qualitativamente. A tabela abaixo mostra o período efetivamente analisado.

Tabela 5. Período analisado nas revistas semanais VEJA e ÉPOCA

Período Analisado nas Revistas*									
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
VEJA	X	X	X	X	X	X	X	X	X
ÉPOCA	X	X	X	X	X	X	X	X	X
*1º de Janeiro de 2000 à 31 de Dezembro de 2008									

As revistas apresentam uma particularidade relevante. A contextualização e a capacidade de informação são muito maiores e com isso este meio de comunicação toma um papel importante como formador de opiniões. Há a possibilidade de que o leitor conheça conceitos, analise profundamente os discursos e se aproxime da ciência. Porém isso só acontecerá se aquele que escreve a matéria se comprometer com a imparcialidade e com as verdades científicas (ZANCHETTA JR, 2004).

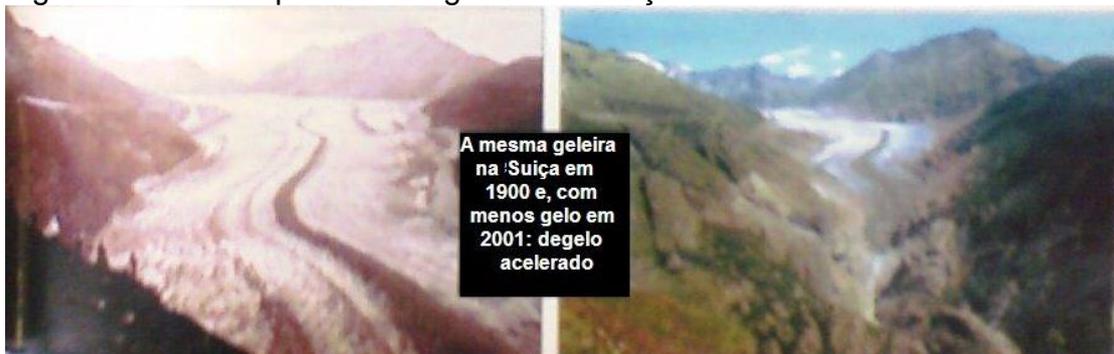
As revistas também não fogem muito à lógica jornalística; as matérias aparecem facilmente relacionadas a algum evento que chame a atenção. As capas, por exemplo, sempre aparecem próximas a períodos de conferências climáticas e assim por diante.

O que se percebe com a quantidade de matérias encontradas é que com o passar dos anos as matérias sobre o aquecimento global aumentaram. No ano de 2000, por exemplo, foram apenas duas matérias para a revista VEJA, e para a revista ÉPOCA apenas quatro. Comparativamente, se levarmos em consideração o ano de 2007 a revista VEJA apresentou uma capa e dez matérias relacionando o assunto, enquanto que a ÉPOCA duas capas e dezenove matérias, todas apontando impactos, informando sobre conferências e, conseqüentemente anunciando o apocalipse.

O discurso político está evidentemente presente nas notícias e, algumas vezes, a ciência é deixada de lado e apenas as questões políticas do clima (se é que o clima do planeta é político) são exaltadas. Em 2001 é publicada uma matéria com o título de “As Aventuras do Capitão Sujeira”, fazendo referência ao presidente dos EUA George W. Bush que se negava a ratificar o protocolo de Kyoto. Mas mesmo em uma revista onde a possibilidade de contextualização é grande, os pontos positivos e negativos deste tratado nem apareceram e o presidente dos Estados Unidos aparece como o inimigo da terra, como o próprio título indica.

A mídia pode muitas vezes utilizar de estratégias que prendam a atenção do leitor e lhes causem certo impacto. Algumas vezes também estas estratégias se voltam para a simplificação dos fatos e, portanto há uma menor contextualização do fato transmitido. As imagens, por exemplo, são instrumentos fundamentais na construção da notícia, uma vez que ela permite ao leitor se aproximar da suposta realidade ali exposta auxiliando a compreensão da leitura. A comparação das fotos, representada pela figura 9, nos mostra essa simplificação, às vezes estratégicas, utilizadas pela mídia. Na figura não há o período em que ambas as fotografias foram tiradas, o que pode gerar um problema de sazonalidade, uma vez que uma pode retratar o inverno da região e a outra o verão, o que demonstraria, certamente, uma diferença no nível dos glaciares.

Figura 9: Foto comparativa de geleira na Suíça



Fonte: Revista VEJA. Ed. 1926 nº41 pag. 84-87, 12 de outubro 2005

Os eventos extremos são agora associados ao aumento da concentração de dióxido de carbono na atmosfera. Em 2003, a Europa passou por uma onda de calor muito forte chegando a levar algumas pessoas a óbito e isso foi associado ao aquecimento global e, para não deixar dúvidas, a matéria ainda afirmou que eventos extremos devem acontecer uma vez a cada cem anos e que esta é uma prova de que o aquecimento global acelerou o ritmo.

E a opinião dos céticos, quando aparece? Em 2007, esta visão de que o aquecimento global não é fruto da ação humana aparece contestando as previsões apocalípticas apontadas pelo IPCC. Na matéria o que é transmitido ao leitor é o fato de que o aquecimento global é real e que estes cientistas apenas discordam dos danos, apontando que estes não serão tão graves como previsto e que a busca da ciência deve vir de encontro com novas tecnologias e meios de adaptação e não de redução de emissões. Será mesmo que eles pensam assim?

A mídia tem o papel de informar fatos e representar idéias. Quando se fala em ciência, a mídia deveria fielmente reproduzir as verdades ou os fatos e no caso do aquecimento global ainda há divergência científica sobre a razão concreta das causas de um aquecimento. Portanto o debate científico deveria estar presente, de forma acessível, nas páginas dos folhetos e cadernos jornalísticos. O homem tem sim um papel transformador do meio em que está inserido; mas quando se trata em um âmbito global, até que ponto este pode interferir, até que ponto criminalizar o clima pelo problema ambiental que a terra passa ou possa vir a passar está correto, uma vez que o clima é um “fenômeno” e não um “sujeito”.

Considerações finais

O que fica evidente diante do exposto é que a imprensa brasileira dá um tratamento sobre o aquecimento global como uma verdade absoluta, negando a existência de um pensamento contrário ao de que as emissões de dióxido de carbono na atmosfera atenuam o efeito estufa e aumenta a temperatura global, empobrecendo o debate.

A pauta “Aquecimento Global” vem acompanhada de uma série de pequenos detalhes interessantes. Nos jornais a preocupação é informar o que está acontecendo no dia a dia das discussões a respeito do problema. Podemos citar como exemplo a constante preocupação com o protocolo de Kyoto.

As mudanças climáticas tomam dois caminhos diferentes, aquele em que a ciência caminha, e o que a imprensa quer noticiar. Se analisarmos a forma como a

imprensa trata um tema qualquer que virará notícia segundo a visão do economista norte americano Anthony Downs e representada no trabalho da ANDI (Agência de Notícias dos Direitos da Infância) podemos facilmente checar a diferença entre esses diferentes caminhos seguidos pela ciência e pela imprensa. O economista propõe cinco estágios que compõem o que ele chama de “ciclo de atenção a temáticas”.

“1. O estágio pré-tema, que ocorre quando o problema existe, mas não recebeu muita atenção pública, mesmo que alguns especialistas e grupos de interesse já tenham soado o alarme; 2. A descoberta alarmada e o entusiasmo eufórico, que trata do período em que os males de um determinado problema chega ao público; 3. A percepção do custo para que progressos (soluções) significativos sejam alcançados; 4. O gradual declínio no interesse pelo tema, que está vinculado à percepção das dificuldades para saná-lo; 5. O estágio pós-problema, quando o assunto entra em uma espécie de limbo.” (ANDI, 2007)

As mudanças climáticas estão longe de chegar a um estágio de limbo, talvez estejam ainda no segundo estágio, onde o público sinta o euforismo do problema. Mas o que não pode existir é o descomprometimento com a ciência. Abordar as questões climáticas como uma moeda de troca para que se vendam jornais ou revistas é incabível e inaceitável. A imprensa não pode perder o foco jornalístico, mas também não pode deixar de caminhar ao lado da ciência e debater o problema de forma qualificada, científica e politicamente.

Criminalizar o clima pelos problemas ambientais do planeta não é uma forma de mostrar ao público que o alarme soou e que se não mudarmos a forma como nos relacionamos com a natureza sérios problemas virão. O desenvolvimento sustentável, a falta de recursos hídricos, a fome, pobreza, o desmatamento, a degradação do meio ambiente são problemas que passaram a ser relacionados ao aquecimento global talvez numa tentativa desesperada de buscar soluções para estes. De fato são questões importantíssimas que sorrateiramente deixaram a pauta e viraram “limbo jornalístico.”

Caberia a imprensa, entidade tão preocupada com as mudanças climáticas, mostrar ao consumidor, aos leitores, os principais atores desse aquecimento que para eles é irrevogavelmente fruto da ação antrópica.

Ao revelar os atores envolvidos na questão ambiental, caberia então a atitude de cada cidadão mudar seus padrões de consumo e passar a utilizar apenas produtos ambientalmente corretos, que não emitem gases do efeito estufa na atmosfera. Caberia, assim, à população forçar as mudanças tecnológicas necessárias para que os problemas ambientais fossem solucionados ou chegassem próximo a isso.

Toda essa preocupação mostrada nos remete às seguintes conclusões: todo debate científico é válido, porém, este não está inserido nos debates políticos, e poucas vezes aparece no discursos midiáticos, ou seja a mídia nem sempre cumpre com seu papel de mediador científico; os caminhos que devemos seguir para conduzir a resultados compensatórios que venham de encontro com soluções ambientais precisam ser revistos, pois a maior parte das notícias mostradas nos jornais relatam fracassos em conferências ambientais que buscariam soluções para

se evitar as mudanças climáticas de origem antrópica. Só cabe, agora, àqueles que são responsáveis cumprirem com seu dever.

Referências bibliográficas

ANDI - AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DOS DIREITOS DA INFÂNCIA. Mudança Climática na Imprensa Brasileira: uma análise de 50 jornais no período de julho de 2005 a junho de 2007. Brasília, 2007.

HEINZ, N. P; FONTANA, P. D; FERNANDES, M. R. S; SILVA, M. D. M. Aquecimento Global e Efeito Estufa: análise de coberturas das revistas Veja, IstoÉ e Época no ano de 2006

ICLEI. Cambio Climático y Desarrollo Limpo: Oportunidades para Gobiernos Locales: Uma Guía Del ICLEI/Cordenación general Laura Silvia Valente de Macedo; [traducción (Português y Español) Renata Portenoy]. Rio de Janeiro: ICLEI/LACS, 2009.

IPCC WORKING GROUP I. Relatório do IPCC/ONU: Novos Cenários Climáticos. Paris: Intergovernmental Panel on Climate Changes, 2007, Disponível em: <<http://www.ecolatina.com.br/pdf/IPCC-COMPLETO.pdf>>. Acesso em: 14 de maio de 2008.

IPCC WORKING GROUP I. An Introduction to Simple Climate Models used in the IPCC Second Assessment Report. Intergovernmental Panel on Climate Changes,

IPCC Technical Paper II, Fevereiro de 1997. Disponível em: <<http://www.ipcc.ch/ipccreports/technical-papers.htm>>. Acessado em: 27 de Mai. de 2009.

MARENGO. J. A. Caracterização do clima no Século XX e Cenários Climáticos no Brasil e na América do Sul para o Século XXI derivados dos Modelos Globais de Clima do IPCC. São Paulo: CPTEC/INPE, 2007.

MOLION, L. C. B. Desmistificando o Aquecimento Global. Disponível em: <www.alerta.inf.br/files/molion_desmist.pdf>. Acesso em: 18 de jun. de 2008

MOLION, L. C. B. Aquecimento Global, Manchas Solares, El Niños e Oscilação Decadal do Pacífico. Disponível em: <<http://br.geocities.com/zuritageo/>>. Acesso em 18 de jun. de 2008.

SANT'ANNA NETO, J. L. Mudanças Climáticas e Aquecimento global: Um enredo entre a tragédia e a farsa. (não publicado). 2008.

ZANCHETTA. J. Imprensa escrita e telejornal. São Paulo: UNESP, 2004.

Recebido em 19 de fevereiro de 2011.

Revisado em 10 de junho de 2011.

Aceito em 10 de julho de 2011.